



FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DE ENUNCIADOS COM DUPLA NEGAÇÃO EM FLORIANÓPOLIS: UM LEVANTAMENTO EM ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS DO PROJETO VARSUL

MARCOS GOLDNADEL¹
PALOMA PETRY²
LUANA LAMBERTI NUNES³

Resumo: O português brasileiro conta com formas alternativas para a expressão da negação sentencial. Entre elas está a dupla negação, uma estrutura não canônica, que se manifesta de modo diverso em cada região do Brasil. Este estudo investiga as possíveis funções pragmáticas de enunciados com dupla negação encontrados em 12 entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes nativos da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, no início da década de 90. O levantamento realizado revela que os enunciados de dupla negação foram usados para instanciar duas funções pragmáticas: denegação e retorno a tópico quantitativo.

Palavras-chave: negação sentencial, denegação, tópico sentencial.

Abstract: Brazilian Portuguese has alternative forms to express sentential negation. Among them, there is double negation, a negative structure that is used in different ways in several Brazilian regions. This study investigates the possible pragmatic functions of sentences with double negation found in 12 sociolinguistic interviews with native speakers from Florianópolis, Santa Catarina, in the beginning of the 90s. The data analysis shows that sentences with double negation were used to instantiate two pragmatic functions: denegation and return to quantitative topic.

Keywords: sentential negation; denegation; sentential topic.

1. INTRODUÇÃO

O português falado no Brasil, diferentemente da variante europeia, apresenta num número considerável de ocorrências de enunciados como (1) e (2), formas que se afastam da estrutura sentencial canônica para expressar a negação sentencial.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brasil. emegold@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2796-8623>

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brasil. palomapetry23@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0784-4447>

³ Ohio State University, United States.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9060-2715>

- (1) Aqui não chove muito não.
- (2) Aqui chove muito não.

Enunciados de dupla negação e de negação única em fim de sentença são mais frequentes na região Nordeste (cf. CAMARGOS, 2000; SOUZA, 2004, RONCARATI, 1996, FURTADO DA CUNHA, 2001, 2007). Na região Sudeste, os índices são menores, mas, mesmo assim, nada desprezíveis (cf. SCHWEGLER, 1991). Soma-se a essas regiões a região Sul, que é ainda pouco estudada nesse aspecto, mas que, conforme alguns estudos recentes (GOLDNADEL ET AL., 2013; LIMA, 2013; GOLDNADEL 2016; GOLDNADEL & PETRY, 2017; LAMBERTI, 2017), já apresenta número relevante de ocorrências de dupla negação.

Apesar das diferenças estruturais entre a negação canônica (com operador de negação pré-verbal) e esses tipos de sentenças, sabe-se que todas são semanticamente equivalentes. Sabe-se também que, em muitas outras línguas, ocorreu o mesmo processo de multiplicação de formas de negação sentencial, o que, com o decurso do tempo, acabou por promover uma alteração significativa nos padrões estruturais de sentenças negativas, perfazendo um processo de mudança linguística denominado Ciclo de Jespersen. Não há consenso, no entanto, sobre qual seria a força a impulsionar o aumento de usos de formas não canônicas em sistemas que dispõem de uma estrutura regular para a expressão da negação sentencial.

O próprio Jespersen (cf. JESPERSEN 2010 [1917]) considerava o surgimento de um segundo operador de negação uma forma de compensar uma crescente debilidade fonética do operador original. Nessa perspectiva, depois de inserido o segundo elemento no sistema, nada mais impediria a continuidade do enfraquecimento do operador original até seu completo desaparecimento, fechando, assim, um ciclo de mudança no padrão da negação sentencial. Essa hipótese conta, nos dias atuais, com poucos adeptos. Ao contrário disso, acredita-se que o surgimento de um segundo operador de negação pode preceder o processo de erosão fonética do operador original, atendendo, na verdade, a exigências expressivas do discurso.

Entre os que identificam nas formas alternativas de negação sentencial a expressão de alguma função discursiva particular não há consenso. No âmbito mais amplo das discussões sobre o Ciclo de Jespersen, aquele que leva em consideração o fenômeno nas diversas línguas em que o processo de mudança se completou ou está possivelmente em curso, há algumas hipóteses em disputa sobre as razões para o surgimento de enunciados com negação reforçada. Em relação ao português brasileiro, Schwegler (1991), Sousa (2011), Cavalcante (2012), Seixas (2013) Seixas & Alckmin (2013), e consideram a dupla negação expressão de denegação. Também partindo de uma análise do português brasileiro, mas estendendo-a a outras línguas, Schwenter (2005, 2006) considera que enunciados com dupla negação servem ao propósito de veicular conteúdo ativado no discurso. Outros autores, tomando por base o francês e idiomas em que o segundo elemento negativo é oriundo do conjunto dos itens de polaridade negativa conhecidos como

minimizadores, consideram enunciados reforçados de negação sentencial como expressão de uma função discursiva de ênfase – cf. Dahl (2001), Detges e Valtereit (2002), Kiparski e Condoravdi (2006), Hoeksema (2009), Van Der Awerda (2009, 2010).

Em relação ao português brasileiro, outras hipóteses foram supostas. Roncarati (1996) vê na dupla negação uma função de preservação da face. Os dados coletados pela autora, com uma quantidade significativa de enunciados com dupla negação em respostas diretas a perguntas, fizeram-na supor que a dupla negação estaria realizando o que ela chamou de negação despachada, uma negação que estaria a serviço de suavizar a resposta. Já Furtado da Cunha (2001, 2007) identifica nos dados da cidade de Natal o que ela entende ser uma função de pausa temática. Segundo suas análises, os enunciados com dupla negação estariam a serviço de promover breves rupturas temáticas ao longo do discurso, afastando o enunciador temporariamente do tópico desenvolvido para veicular conteúdos colaterais. Mais recentemente, Goldnadel (2016) e Goldnadel e Petry (2017) supuseram, a partir da análise de dados em entrevistas sociolinguísticas da cidade de Curitiba pertencentes ao acervo do projeto VARSUL, outra função de enunciados com dupla negação: retorno a comentário quantitativo. Ao analisar os dados de Curitiba, os autores perceberam que muitos enunciados de dupla negação ocorriam após uma digressão do falante, promovendo, assim, um retorno ao tópico sentencial inicialmente estabelecido.

Contrariamente ao que se pode supor, nem todas as funções supostas são comparáveis. Goldnadel (2016) observa que, entre todas as funções mencionadas, a função de expressão de conteúdo ativado, proposta por Schwenter, é aquela que pertence a um nível de análise mais elementar e, portanto, bastante distinto dos demais.

A função de ativação diz respeito a um aspecto eminentemente estrutural, fazendo referência à forma como o enunciado se organiza de modo a refletir características do processamento cognitivo do discurso. Sendo assim, a hipótese de que a dupla negação sentencial veicula conteúdo ativado insere-se em uma perspectiva teórica de análise da estrutura informacional desse tipo de enunciado.

(Goldnadel, 2016, p. 156)

Já as demais funções supostas parecem dividir-se em dois grupos. De um lado, as funções de ênfase e denegação assumem um caráter eminentemente retórico, já que dizem respeito à manifestação de intenções claramente comunicativo-expressivas: em um caso a explicitação de um desejo de atribuir maior importância a determinado conteúdo, em outro a explicitação de uma rejeição ao ingresso de determinado conteúdo no conjunto dos conteúdos compartilhados entre os interlocutores. Já as funções de pausa temática e de retorno a comentário quantitativo parecem ocupar um nível de análise intermediário entre aquele a que pertence a função de ativação e aquele a que pertencem as funções mais retóricas. Nos dois casos, trata-se de considerar o papel da dupla negação no âmbito da progressão temática, ou seja, no âmbito da organização mais ampla do discurso. Para efeito de análise, vamos considerar essas duas funções como discursivas.

Este estudo procura verificar as funções retóricas e discursivas instanciadas em todos os enunciados com dupla negação e parte dos enunciados de negação canônica⁴ encontrados em 12 entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes nativos da cidade de Florianópolis, todas pertencentes ao acervo do Projeto VARSUL, no final da década de oitenta e início da década de noventa. O objetivo é identificar que funções pragmáticas os enunciados não canônicos instanciam e contrastar com as funções assumidas por enunciados canônicos de negação. Conforme informa Goldnadel (2016) e Goldnadel e Petry (2017), o momento em que foram realizadas as entrevistas do VARSUL revela-se particularmente apropriado para investigar as funções pragmáticas associadas ao uso de enunciados de dupla negação, tendo em vista a quantidade reduzida de casos encontrados no *corpus*, uma indicação de que se trata de um momento de uso inicial da estrutura, imune, por hipótese, ao desbotamento de sentido que costuma ocorrer em regiões em que a construção já alcançou índices de uso elevados.

O artigo tem a seguinte estrutura. A seção 2 apresenta a metodologia empregada, bem como uma caracterização do *corpus* investigado. A seção 3 descreve a função de denegação e a ilustra com alguns casos encontrados no *corpus* investigado. A seção 4 faz o mesmo em relação à função de retorno a comentário quantitativo. As outras duas funções, ênfase e pausa temática, não contam com seções particulares, uma vez que os dados da cidade de Florianópolis não apresentaram casos em que estivessem presentes. A seção 5 apresenta os resultados quantitativos da análise. Por fim, a seção 6 apresenta as considerações finais.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado a partir da análise de 12 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados do Projeto VARSUL. Cada uma das 12 entrevistas corresponde a uma combinação única entre os três parâmetros sociais que nortearam a constituição do banco de dados do Projeto VARSUL: sexo (masculino e feminino), idade (mais e menos de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio, segundo grau). Como se sabe, todas as entrevistas do projeto VARSUL são realizadas com falantes nativos das cidades investigadas que não tenham vivido fora delas por períodos muito longos.

Para a identificação das funções pragmáticas dos enunciados negativos nas entrevistas escolhidas, foram analisados todos os enunciados com dupla negação e parte dos enunciados com negação simples. Os enunciados com negação simples foram escolhidos de acordo com o seguinte critério. A partir da página 20 de cada entrevista, foi selecionado o primeiro enunciado com negação simples e, em seguida, mais cinco enunciados a intervalos de dez ocorrências. Sendo assim, depois do primeiro enunciado com negação simples encontrado a partir da página

⁴ Será analisado um número limitado de enunciados de negação simples, que são em número bem maior que os de negação dupla. O critério de escolha é esclarecido na seção sobre a metodologia.

20, foi coletado, em seguida, o décimo seguinte, depois o vigésimo seguinte, e assim sucessivamente até o número de seis enunciados. Como foram analisadas 12 entrevistas, foram coletados 72 enunciados com negação simples.

De posse dos casos a serem analisados, a equipe passou a considerar os contextos em que foram proferidos os enunciados. Cada enunciado contendo oração com negação foi, então, classificado de acordo com dois critérios: função pragmática e função sintática da oração em que ocorreu a negação (dupla ou simples). A classificação sintática teve como objetivo procurar identificar se existe algum favorecimento sintático a algum tipo de negação ou, mais especificamente, a alguma função pragmática. As funções pragmáticas consideradas serão esclarecidas ao longo da seção 3.

Vale dizer que o estudo não tem pretensão de apresentar validade estatística, limitando-se a realizar uma análise qualitativa de funções pragmáticas de enunciados com negação em uma quantidade limitada de entrevistas. Garantimos uma proporcionalidade na amostra, com a escolha de entrevistas que se diferenciam pela combinação entre as três variáveis sociais que balizaram a constituição do banco de dados do Projeto VARSUL.

3. DUAS FUNÇÕES PRAGMÁTICAS DE ENUNCIADOS DE DUPLA NEGAÇÃO: DENEGAÇÃO E RETORNO A TÓPICO QUANTITATIVO

Como, nos dados a serem apresentados na seção 4, as duplas negações se dividiram majoritariamente entre as funções pragmáticas de denegação e retorno a tópico, esta seção destina-se a propor definições mais precisas para essas duas funções. A seção 3.1 destina-se a apresentar uma breve caracterização do ato de fala de denegar, mostrando alguns casos de enunciados negativos encontrados no *corpus* que realizam esse ato de fala. A seção 3.2 identifica a função de retorno a tópico, mostrando alguns casos de enunciados negativos encontrados no *corpus* que instanciam essa função.

3.1 Dupla negação como recurso para a expressão do ato de fala de denegar

Embora o ato de denegar tenha sido associado por alguns estudos clássicos a enunciados negativos de um modo geral (cf. KAMP; REYLE, 1983; DUCROT, 1988; GIVÓN, 1996), parte da literatura considera a dupla negação recurso destinado à expressão desse ato de fala (cf. SCHWEGLER, 1991; SOUSA, 2011; CAVALCANTE, 2012; SEIXAS; ALCKMIN, 2013). É bem verdade que todos aludem ao mesmo fenômeno lançando mão de uma caracterização que se apropria do conceito givoniano de pressuposição, bastante distante do conceito de clássico de pressuposição (tal como foi entendido desde a década de 70, quando pressuposição passou a ser majoritariamente abordada no âmbito de teorias pragmáticas). Não é por outra razão senão a de evitar confusões terminológicas que consideramos preferível referir a função pragmática identificada pelos autores

mencionados como a de simples denegação, já que o próprio Givón caracteriza a negação pressuposicional como denegativa.

Também é relevante dizer que nem todo enunciado com oração negativa é denegativo. Muitos enunciados negativos não se destinam a contrapor-se a qualquer conteúdo explícita ou implicitamente veiculado no discurso. Na verdade, a possibilidade de um enunciado carregar algum valor denegativo depende em grande medida da função sintática da oração negativa. Orações subordinadas, por exemplo, raramente são interpretadas como a expressão de qualquer tipo de denegação, algumas das quais, inclusive, sendo incompatíveis com essa caracterização, como as concessivas. Tampouco as orações absolutas e principais são necessariamente denegativas.

A rigor, portanto, a caracterização de um enunciado denegativo ainda é, em linhas gerais, a mesma proposta por Givón.

A negative assertion is indeed made on the tacit assumption that the hearer either has heard about, believes in, is likely to take for granted, or is at least familiar with the corresponding affirmative proposition. (Givón 1993, p. 189)

Como bem observa Cavalcante (2012) (embora suas observações componham considerações apenas sobre enunciados com dupla negação), à concepção givoniana falta apenas exigir que o conteúdo a que se contrapõe o enunciado denegativo tenha sido de algum modo veiculado ou sugerido no discurso precedente. Dito de outra forma, para a felicidade do ato de denegar não basta dirigir-se a um pressuposto que o falante considera equivocado, precisa ser um pressuposto ativado⁵ no discurso.

Vale enfatizar ainda que, apesar de se esperar que a denegação se dirija contra afirmação ou sugestão presente no discurso alheio, ela pode também opor-se a conteúdo veiculado, explícita ou implicitamente, pelo próprio falante. O trecho (3) é um caso de denegação expressa por um enunciado com dupla negação em que o falante denega conteúdo proferido por ele mesmo⁶.

(3) F: Ih! A praia sim. Isso aqui eu nem sei o que que é. Se é uma mulher se enforcando na árvore. O que que é?

E: Não, está com três crianças.

I: O que que está escrito aqui? A senhora quer trocar a letra!

F: Olhe como é que eu estou de cabeça baixa. Quer ver. Ah, mas essa aí é a Jameli Tiada.

I: Que nome bobo é esse!

⁵ É importante esclarecer que pressuposição não é o mesmo que ativação, embora muitos conteúdos no discurso possam ser pressupostos e ativados. É possível, no entanto, que um conteúdo seja pressuposto e não ativado, bem como ativado e não pressuposto. Sobre essa distinção, recomenda-se a leitura de Goldnadel *et al* (2013, p. 44).

⁶ As letras “F”, “E” e “I” são o modo como, nas entrevistas do VARSUL, são referidos, respectivamente, o falante o entrevistador e o interveniente. O falante é a pessoa escolhida para responder as perguntas. O interveniente é uma pessoa presente no momento da entrevista, que pode, eventualmente, interferir na conversa.

F: **Não, essa não é a Jameli, não.** Essa aí é a Roseli. Eu acho que é o telefone de alguém que eu peguei e pus aí atrás, tá! Essa aqui é uma sobrinha que já é morta. E essa, amiga dela.

E: Nossa! Que bonita que ela era.

Nesse trecho, extraído de uma entrevista sociolinguística da cidade de Curitiba, a entrevistada está mostrando ao entrevistador algumas fotos. Em determinado momento, identifica uma das pessoas fotografadas como Jameli Tiada (enunciado sublinhado). Pouco depois, percebendo seu equívoco, profere um enunciado denegativo (em negrito) que se contrapõe a conteúdo veiculado por ela mesmo.

Em Florianópolis, cidade investigada neste trabalho, alguns enunciados com dupla negação mostraram-se a serviço da veiculação do ato de fala de denegar. Um dos casos é o apresentado em (4).

(4) F: E o pai veio lá dos Açores.

I: Dos Açores.

E: Faz tempo, né? Que a família veio.

F: Ela levantou até quatrocentos anos, não foi?

I: Quem?

F: A Isa tirou o levantamento de quatrocentos anos atrás, né?

I: Não. **Não foi de quatrocentos, não.**

Em (4), o entrevistado está falando de sua árvore genealógica e de seus antepassados. Há ainda um interveniente, que entrou na conversa e aparenta conhecer bem o assunto sobre o qual o entrevistado está falando. Quando o entrevistado sugere que uma pessoa chamada Isa fez o levantamento da árvore genealógica da família até quatrocentos anos atrás, esse informante interveniente responde usando uma dupla negação, denegando a afirmação do entrevistado.

No trecho a seguir, o falante parece denegar um conteúdo que entende que possa ser depreendido de sua fala precedente.

(5) E: E tua esposa, ela gosta também desse tipo de música?

F: Ela gosta de musiquinha estrangeira, gosta. Também gosta de muitas nacionais né?

Ela gosta dessa Sula Miranda, diz que a Sula Miranda – Tem outra né? É melhor que a Sula Miranda. A Gal Gosta também, ela gosta também.

E: E você gosta da Gal?

F: Não. Eu gosto é, por causa de vanerão, eu gosto de Chitãozinho e Xororó, Milionário e José Rico porque eles têm umas músicas boas para dançar vanerão. **Mas lambada eu não gosto não.**

E: Mesmo de olhar?

F: Olhar ainda vai, pra dar uma espiada, ainda vai.

Nessa parte da entrevista, o entrevistador dá continuidade a indagações sobre o gosto musical do entrevistado e de sua esposa. Quando o entrevistador pergunta sobre o gosto do entrevistado, ele passa justificar seu apreço pela música de algumas duplas sertanejas em função de se prestarem para dançar vanerão.

Em seguida, usa um enunciado com dupla negação para negar que goste de lambada. Essa negação pode parecer desconectada do discurso precedente, mas não é. O vanerão é uma dança que guarda alguma semelhança com a lambada. Sabendo disso, e já tendo declarado que gosta de estilos musicais que permitam dançar vanerão, o falante parece supor que seu interlocutor poderia pensar que ele gosta de lambada. Trata-se, portanto, de uma denegação de conteúdo que o falante considera inferível⁷. Vale sublinhar ainda o reforço ao caráter denegativo do enunciado realizado pela conjunção *mas*, cuja função precípua é justamente a de registrar oposição de ideias.

Também há, no corpus analisado, enunciados denegativos com negações canônicas.

(6) E: O senhor se lembra quando o senhor começou a fumar?

F: Eu comecei a fumar com catorze anos.

E: Com catorze anos?

F: Com catorze anos, provavelmente, eu comecei a fumar escondido, até. Escondia, porque naquele tempo era escondido. Naquele tempo, pai e mãe não podiam saber que eu estava fumando, senão eles faziam a gente comer o cigarro. É, não gostavam não. **Só que a educação não era essa, estava errada.** E isso serviu de aula para mim, pra educar meus filhos também.

Na última fala de (6), o entrevistado relata o modo como seus pais o educaram em relação ao uso de cigarro. A leitura de outras partes da entrevista deixa claro que o falante, que virou fumante apesar da educação rígida, usou uma estratégia distinta da adotada pelos pais para impedir que os próprios filhos fumassem, no que teve sucesso. Na passagem em (6), ao utilizar o enunciado com negação simples, o falante quer distanciar-se da postura dos próprios pais, quer impedir que seu interlocutor pense que concorda com a estratégia de que foi vítima. O curioso aqui é que, mais uma vez, o enunciado começa com um elemento adversativo, a expressão *só que*, um equivalente informal da conjunção *mas*.

Os exemplos acima mostram que o ato de fala de denegar não tem apenas um modo de expressão⁸. A questão que se coloca, no entanto, é a que diz respeito à dupla negação. Teria o português especializado essa estrutura para a veiculação de denegação. A resposta depende da observação empírica. Se, em um determinado momento, em uma determinada comunidade de fala, um número significativo de enunciados com dupla negação servirem para a expressão do ato de denegar, pelo menos para esse momento e para essa comunidade, haverá evidências de um movimento de especialização da forma. Mais evidência ainda haverá se, no mesmo corpus, o número de denegações veiculadas por enunciados canônicos de

⁷ É necessário esclarecer que o caráter inferencial de um fenômeno obriga o analista a considerar as possíveis suposições realizadas pelo falante no momento da troca conversacional. Apesar de uma inevitável margem de erro, a plausibilidade das conexões entre os conteúdos proferidos e o contexto que o falante provavelmente tenha considerado sempre constitui uma garantia importante para a análise.

⁸ A rigor, até mesmo um enunciado afirmativo pode veicular uma denegação; basta que se oponha a um conteúdo negativo previamente proferido ou sugerido.

negação for significativamente menor. O resultado para a cidade de Florianópolis no início da década de 90 será apresentado na seção 4.

3.2 Dupla negação como recurso para a realização da função de retorno a tópico

Durante uma troca conversacional, diversos movimentos são realizados pelos interlocutores. Uma das tarefas da Pragmática é procurar compreender os objetivos subjacentes a esses movimentos, que são de diversas ordens. Entre os objetivos imaginados para um indivíduo que se dedica a interagir verbalmente com outro, há um que costuma ocupar uma posição de destaque nos estudos pragmáticos. Mesmo admitindo que a linguagem verbal é usada para realizar um conjunto diversificado de atos de fala (todos com consequências objetivas para os falantes), a função de troca de informações não deixa de ser vista, senão como central, pelo menos como fundamental para a compreensão da dinâmica discursiva.

Uma entrevista sociolinguística não deixa de ser uma demonstração da importância da troca de informações ao longo de uma interação que ocupa um tempo de extensão razoável. Cabe ao entrevistador, treinado para produzir dados naturais a partir desse instrumento de coleta, promover o estabelecimento de um clima amigável, que estimule o entrevistado a falar sobre a própria vida. A entrevista sociolinguística consiste, então, em um instrumento de coleta de dados linguísticos que privilegia a função informativa no discurso.

Evidentemente, como costuma ocorrer em qualquer conversa, os falantes em uma entrevista sociolinguística não se limitam a narrar episódios de suas vidas. Na verdade, a narração de episódios de vida jamais se constitui como finalidade única nesse tipo de conversa. Entre os tantos objetivos possíveis para a narração de fatos pessoais está o de informar não apenas eventos passados, mas ainda o de tornar manifestos traços identitários do falante. Esses traços podem ser apreendidos não apenas das histórias narradas, mas ainda de comentários avaliativos que o enunciador tece, expressando seus pontos de vista sobre os mais diversos temas conexos aos fatos declarados.

Por sua natureza assumidamente exploratória, a entrevista sociolinguística costuma colocar o entrevistado diante de um conjunto de questionamentos que estimulam abertamente longas exposições. Ocorrem interferências do entrevistador, mas geralmente no sentido de garantir a continuidade do fluxo discursivo do entrevistado, dentro do qual se espera a presença tanto de sequências de caráter narrativo quanto de caráter opinativo.

No que diz respeito à narração, grande parte da sensação de ordenação ou sobreposição de estados e eventos, tão importante para a transmissão de relatos coerentes, está relacionada a escolhas que tomam por base características semânticas das classes verbais e da morfologia verbal, responsável pela veiculação de noções relativas a tempo e aspecto. Cumpre o seu papel também a estruturação sintática do período, tendo as orações temporais, por exemplo, importante função na sequenciação dos eventos narrados. Já a expressão da opinião depende em grande medida de escolhas formais que resultam da combinação de aspectos

sintáticos e lexicais. O uso de concessivas é um exemplo bem claro de estrutura sintática a serviço do caráter argumentativo da linguagem.

Qualquer um que leia uma entrevista sociolinguística (ou que, tendo algum interesse analítico, registre uma conversa informal entre amigos) percebe que a narração e a opinião se alternam e, em muitos casos, chegam a interagir de modo complexo. Essa organização, que costuma oferecer alguma dificuldade de análise a qualquer um que pretenda depreender dela alguma lógica discursiva inteligível, certamente é manifestação de princípios gerais, já que permite a perfeita comunicação entre os falantes. Ou seja, a dificuldade de identificação dessa lógica é um problema para o linguista, mas não para os usuários da língua. O trecho a seguir, extraído de uma entrevista de Porto Alegre, ilustra bem essa interação complexa entre sequências de caráter opinativo e narrativo.

(7) E: Tem problema de assalto?

F: Ah, isso tem em tudo que é lugar, né? Aqui é... Não sei, às vezes a minha filha que estuda de noite vem... sai vinte pras onze, ou dez e meia ela sai lá do colégio. Sobe às vezes onze horas aí. Que às vezes a Jane fica, a minha esposa se perde pra encontrar ela... E elas saem mais cedo do colégio, entendeu? Então ela não gosta de ficar esperando na parada ela pega e vem sozinha, né? Não gosta de ficar parada. **Não sei, até agora não tem problema nenhum não.**

Em (7), o entrevistado é convidado a opinar sobre problemas de violência onde mora. Sua resposta imediata, quase automática, é a de considerar seu bairro inseguro como todos os demais. Apenas isso seria suficiente para satisfazer a demanda informativa estabelecida pela pergunta. Entretanto, ele dá sequência a sua fala com uma narrativa sobre o que costuma ocorrer diariamente com a própria filha na volta da escola. Essa narrativa tem uma função no discurso do entrevistado, a de dar suporte a sua afirmação inicial, ou seja, a de comprovar que o bairro é violento. Curiosamente, nesse caso, o próprio falante percebe que a narrativa não justifica sua opinião inicial, razão pela qual a retifica com o enunciado final. Esse é um caso interessante porque a dupla negação tem um duplo caráter. Por um lado, ela realiza uma denegação de enunciado proferido pelo próprio falante; por outro, ela promove um retorno ao tópico inicialmente estabelecido, indicando uma volta à questão estabelecida pelo entrevistador.

Enunciados com a função de retorno ao tópico inicialmente estabelecido do qual o falante se afasta com a finalidade de realizar comentários para justificar uma opinião inicialmente formulada foram encontrados em quantidade significativa em entrevistas da cidade de Curitiba, cidade que serviu de base à análise em Goldnadel e Petry (2017). No trecho a seguir, o enunciado final, que não é negativo, realiza exatamente a função de promover o retorno ao tópico inicialmente estabelecido.

(8) E: E diante disso aqui... Eu não sei, eu não conheço tão bem o bairro, mas como é que é servido o bairro, por exemplo, de praças esportivas, locais assim pra crianças e adolescentes mesmo?

F: Eu acredito que está bom, viu? Porque nós temos aqui eu acredito umas oito

praças esportivas nessa região aqui. Nós temos a Praça ali de Santa Rita, nós temos a praça em frente ao campo do Caxias, nós temos aqui no terminal do Vila Hauer, nós temos lá na passarela, nós temos um próximo do... na Empresa de Correio, nós temos ali em cima no Carmo também. Então eu acho que dentro de, de aqui inclusive, aqui em baixo, perto do rio, também tem mais uma. **Eu acho que em termos de praça esportiva está muito bom o bairro.**

Em (8), o tópico diz respeito à existência de praças esportivas no bairro. Aqui, mais uma vez, o falante satisfaz a demanda por informação já com o primeiro enunciado. No entanto, acha importante justificar sua opinião e, para isso, passa a listar as praças próximas. Feito isso, profere enunciado com conteúdo equivalente ao enunciado inicial. Seu objetivo é sinalizar uma volta ao tópico.

O levantamento feito com entrevistas da cidade de Curitiba em Goldnadel e Petry (2017) revelou uma quantidade significativa de enunciados com dupla negação destinados a promover volta a um comentário anterior que satisfaz uma demanda por informação quantitativa estabelecida inicialmente. Essa função, denominada função de retorno a comentário quantitativo baseia-se na conceituação estabelecida em Kuppevelt (1995a, 1995b, 1996). No trecho a seguir, extraído de uma entrevista de Florianópolis, essa parece ser a função instanciada pelo enunciado com dupla negação no final do turno de fala do entrevistado.

(9) E: O senhor acha que valeu à pena, assim, o senhor se esforçar tanto? O senhor foi recompensado nesse esforço todo?

F: Não financeiramente. Porque, até é chato a gente dizer, muitas vezes, que a gente foi honesto demais. Realmente, fui. Tanto é que hoje eu estou por aí, ainda. Minha casa é uma casa simples. Porque eu sempre quis ser honesto com os outros. Eu acho que é muito feio a pessoa ser desonesta. Eu nunca gostei disso. **Então, financeiramente, eu posso dizer que não compensou muito não.**

Em (9), o primeiro enunciado do entrevistado já satisfaz a demanda por informação exigida. Os dois enunciados seguintes respondem a um novo tópico que o enunciado inicial estimula, aquele que diz respeito à causa do insucesso financeiro do entrevistado (sua honestidade). Os dois enunciados seguintes constituem, na perspectiva aqui adotada, comentários qualitativos ao enunciado inicial: o fato de o falante ter uma casa simples funciona como uma justificação ao comentário inicial, de que não foi compensado financeiramente. Depois, o falante volta a tecer comentários que atendem ao tópico causa do insucesso financeiro. Nesse ponto, o entrevistado oscilou entre apresentar a causa e a justificativa de sua pobreza, tendo se afastado do comentário que satisfaz a demanda quantitativa inicial por informação. É o enunciado final, com dupla negação, que promove um retorno ao comentário inicial.

Na perspectiva aqui adotada, a função de retorno a tópico quantitativo realizado por um comentário é um subtipo da função discursiva de satisfação de tópico quantitativo, através da qual o falante satisfaz uma demanda quantitativa de informação estabelecida ao longo da troca conversacional. Outra manifestação dessa função mais geral é a satisfação imediata a tópico quantitativo, que ocorre

quando a informação satisfaz o tópico assim que ele se estabelece no discurso, como em (10), extraído de uma entrevista de Florianópolis.

(10) E: Mas agora não tem mais passarinho?

F: **Agora não tem mais.** O que tem é essa coruja aqui por perto.

E: Ah, que pena né? Deve ser por causa do movimento aqui nessa estrada.

Em (10), o entrevistado usa uma negação simples (enunciado em negrito) para satisfazer de modo imediato a demanda por informação estabelecida na pergunta do entrevistador. Se a hipótese de que enunciados com dupla negação se especializaram para registrar a volta a um tópico quantitativo do qual o falante se afastou, então é de se esperar que os dados não apresentem esse tipo de estrutura em contextos como (10), em que o enunciado satisfaz imediatamente ao tópico estabelecido na pergunta. Goldnadel e Petry (2017) apresentam alguma evidência nesse sentido a partir dos dados de entrevistas sociolinguísticas da cidade de Curitiba, já que não há ali uma única dupla negação instanciando a função de satisfação imediata a tópico quantitativo. Já as funções pragmáticas de denegação e retorno a tópico quantitativo obtiveram índices expressivos, com 46% e 31% de casos, respectivamente. Os dados ali apresentados, no entanto, não são conclusivos, já que o estudo não realiza levantamento da função pragmática de enunciados com negação simples, o que impede uma comparação mais direta entre as duas estruturas.

Outro aspecto a ser considerado é a possibilidade de enunciados negativos estarem a serviço da satisfação de tópicos qualitativos. Essa função não foi considerada nos estudos anteriores sobre negação sentencial na região Sul (GOLDNADEL, 2016; GOLDNADEL; PETRY, 2017) por não ter sido encontrada em enunciados de dupla negação, os únicos por eles analisados. Neste estudo, que realiza a análise das funções pragmáticas dos dois tipos de negação sentencial, simples e dupla, a função de satisfação a tópico qualitativo passou a ser identificada nos dados, razão pela qual precisa ser mais bem compreendida.

Como já se pode perceber em trechos de entrevista anteriormente analisados, a satisfação de um tópico quantitativo estabelecido no curso da conversa frequentemente é seguida de comentários qualitativos. A função desses comentários qualitativos parece ser a de dar suporte às informações apresentadas nos comentários quantitativos. A leitura de entrevistas sociolinguísticas não deixa dúvida de que esse tipo de movimento discursivo, que se pode considerar uma estratégia de creditação do falante, ocorre de modo pervasivo ao longo de trocas conversacionais de caráter informal. A título de exemplo, observe-se o trecho em (11).

(11) E: E quanto àquela igreja velha ali, tinha um cemitério atrás, inclusive.

F: Tinha, sim.

E: Contam que tem até hoje ossos que não foram tirados.

F: Deve ter, né? Porque eu acho que muitas famílias ali não exigiam, não tiraram, não sei. Deviam ter, né? É, de gente, assim, pobre que não, né? Não tinha aquela responsabilidade de como angariar aquilo, né?

Em (11), a segunda fala do entrevistador estabelece um tópico quantitativo a ser satisfeito: a existência de ossos em um cemitério desativado. Após o estabelecimento desse tópico, o primeiro enunciado presente no turno do entrevistado é um comentário quantitativo, uma vez que satisfaz a demanda informativa anteriormente estabelecida. Entretanto, mesmo tendo satisfeito a demanda quantitativa, o falante, com os enunciados subsequentes, trata de justificar sua opinião, segundo a qual seria possível que ainda houvesse ossos não retirados do cemitério desativado. Essa justificativa consiste na lembrança de que as famílias não solicitaram a devolução das ossadas de parentes.

Ainda em relação a (11), é interessante notar como o primeiro enunciado que exerce a função de comentário qualitativo é iniciado: com a conjunção “porque”. A partir daí tudo o que se lê pode ser visto, realmente, como causa da opinião inicialmente expressa no comentário quantitativo. Ou seja, ao que tudo indica, a pergunta tópica que dá origem a todo comentário qualitativo seria algo como “Por que essa informação é crível?”. A observação de entrevistas sociolinguísticas revela que o tópico qualitativo, que costuma se estabelecer virtualmente após os comentários quantitativos, frequentemente é satisfeito por vários enunciados, tal como se observa em (11).

O leitor não deve, contudo, ficar com a impressão simplista de que apenas o primeiro enunciado expressa um comentário quantitativo ao tópico estabelecido pela pergunta do entrevistador. Essa é uma simplificação extrema, que não faz justiça à complexa dinâmica que caracteriza as trocas conversacionais espontâneas. Muitas vezes, o falante toma uma pergunta como um estímulo inicial, a partir do qual deriva muitos outros tópicos quantitativos, que busca satisfazer com seus comentários (também quantitativos). Para complicar, esses comentários quantitativos costumam ser entremeados por outros qualitativos, de modo que o falante avança o discurso alternado comentários quantitativos, que promovem progressão temática, e qualitativos, que justificam os conteúdos veiculados ao longo dessa progressão.

Para concluir essa seção, é importante destacar que, no que diz respeito à função discursiva, um enunciado pode realizar duas funções mais amplas: quando é um comentário quantitativo, realiza a função de satisfação a um tópico quantitativo, quando é um comentário qualitativo, realiza a função de satisfação a um tópico qualitativo. Vale distinguir ainda, no interior da primeira dessas funções, a satisfação imediata ao tópico quantitativo e o retorno a tópico quantitativo (satisfação não imediata). Esta última função ocorre quando, após alguma digressão (normalmente de caráter qualitativo), o falante quer sinalizar a volta a determinado tópico quantitativo. Sendo assim, para efeitos de análise, cumpre considerar as três seguintes funções discursivas: satisfação imediata a tópico quantitativo, retorno a tópico quantitativo e satisfação a tópico qualitativo⁹.

⁹ A observação feita até este momento parece indicar que o tópico qualitativo costuma ser satisfeito de modo imediato, razão pela qual não é caracterizado aqui pelo mesmo tipo de distinção aplicável ao tópico quantitativo.

A análise de enunciados nas entrevistas da cidade de Curitiba realizada em Goldnadel (2016) e Goldnadel e Petry (2017) indicou que, no plano da realização das funções discursivas identificadas nesta seção, a dupla negação estaria a serviço apenas da realização da função de retorno a tópico quantitativo. Além dessa função discursiva, a análise revelou um uso ainda mais consistente de duplas negações para veicular o ato de fala de denegar, o que o presente estudo considera uma função retórica. A próxima seção, apresenta a análise realizada com enunciados de dupla negação e negação simples encontradas em entrevistas de Florianópolis, a fim de verificar se lá essas tendências também se replicam.

4. OS RESULTADOS DE FLORIANÓPOLIS

Para o presente artigo, foram analisadas doze entrevistas sociolinguísticas de falantes da cidade de Florianópolis. Além disso, foram considerados seis casos de sentenças com negação simples de cada entrevista, resultando 72 enunciados com negação simples registrados, também juntamente com seus contextos imediatos.

O resultado da análise dos enunciados com negação simples e dupla é apresentado nas tabelas a seguir, que, além da função pragmática dos enunciados analisados, registra a função sintática da oração a que pertence cada negação.

Tabela 1: Resultados da Negação Simples em Florianópolis

NEG 1 (Negação Simples)					
	Denegação	Retorno a Tópico Quantitativo	Satisfação Imediata de Tópico Quantitativo	Satisfação de Tópico Qualitativo	Total
Oração absoluta	5	1	8	10	24
Oração principal	3	-	3	18	24
Primeira oração coordenada	-	-	-	-	0
Oração coordenada assindética à principal	-	-	-	13	13
Oração coordenada sindética à principal	1	-	-	1	2

Oração coordenada adversativa à principal	1	-	-	-	1
Oração subordinada objetiva direta	-	-	-	1	1
Oração subordinada substantiva subjetiva	-	-	-	-	0
Oração subordinada adjetiva explicativa	-	-	-	3	3
Oração subordinada adjetiva restritiva	-	-	-	-	0
Oração subordinada adverbial causal	-	-	-	3	3
Oração subordinada adverbial condicional	-	-	-	1	1
TOTAL	10	1	11	50	72

Tabela 2: Resultados da Dupla Negação em Florianópolis

NEG 2 (Dupla Negação)					
	Denegação	Retorno a Tópico Quantitativo	Satisfação Imediata de Tópico Quantitativo	Satisfação de Tópico Qualitativo	Total
Oração absoluta	18	8	8	-	34
Oração principal	3	3	-	-	6
Primeira oração coordenada	-	-	-	-	0

Oração coordenada assindética à principal	1	-	-	-	1
Oração coordenada sindética à principal	2	1	-	-	3
Oração coordenada adversativa à principal	1	-	-	-	1
Oração subordinada objetiva direta	1	1	1	-	3
Oração subordinada adjetiva explicativa	-	-	-	-	0
Oração subordinada adjetiva restritiva	-	-	-	-	0
Oração subordinada adverbial causal	-	1	-	-	1
Oração subordinada adverbial condicional	1	-	-	-	1
TOTAL	27	14	9	0	50

A comparação dos dois quadros revela diferenças significativas entre as duas formas de negação sentencial encontradas nos dados. No que diz respeito ao ambiente sintático da negação, embora tanto a negação simples quanto a dupla negação ocorram predominantemente na oração principal (considerando que a oração absoluta também é principal), a dupla negação ocorre predominantemente em orações absolutas.

As distinções mais significativas, no entanto, dizem respeito às funções pragmáticas exercidas pelos dois tipos de enunciados. Embora ambas estruturas realizem o ato de fala de denegar, a expressão desse ato parece ser a principal função exercida por enunciados de dupla negação, com 54% dos casos (27 das 50

ocorrências). Já a negação simples veicula o ato de denegar apenas em 13,9% dos casos (10 das 72 ocorrências). Esses dados estão de acordo com a observação de Seixas (2013) e Seixas e Alckmin (2013), que identificam a função de denegação associada a enunciados de dupla negação em dados do século XIX.

Os dados mais reveladores, no entanto, são os relativos ao papel dos enunciados negativos na organização tópica do discurso. Nesse aspecto dois dados se destacam. O primeiro é a quantidade expressiva de enunciados de dupla negação para realizar a função de retorno a tópico quantitativo. Entre os 50 enunciados desse tipo, 14 realizam essa função, ou seja, 28% dos casos. Aqui, o contraste com enunciados de negação simples é grande, já que este tipo de enunciado aparece exercendo a mesma função apenas em um dado do *corpus* investigado.

Outra diferença relevante diz respeito à utilização do enunciado negativo para satisfazer tópicos qualitativos. Como tivemos a oportunidade de explicar, um enunciado que satisfaz um tópico qualitativo é aquele em que o falante apresenta conteúdo de caráter justificativo. São conteúdos que não satisfazem demandas estabelecidas de conteúdos, mas satisfazem demandas implícitas de justificação dos conteúdos quantitativos veiculados. Assim como nos enunciados quantitativos, é de se esperar que os enunciados qualitativos possam ser constituídos de sentenças negativas. Os dados mostram que isso é fato, dado que, entre os 72 enunciados com negação simples, 50 realizam a função de satisfação de tópico qualitativo, o que equivale a 69,5% dos casos. O que impressiona, no entanto, é a inexistência de enunciados de dupla negação exercendo essa função pragmática. Esse contraste, como vamos ver em seguida, diz muito acerca da função pragmática de enunciados de dupla negação na estruturação do discurso.

O último dado relevante para esta análise é o que diz respeito à ocorrência de enunciados de negação com a função de satisfação imediata de tópico quantitativo. Como vimos anteriormente, os comentários que satisfazem a tópico quantitativo são aqueles em que o falante apresenta conteúdo demandado ao longo da troca. Em entrevistas sociolinguísticas, essa demanda costuma ser estabelecida (e incessantemente renovada) nas perguntas do entrevistador. É frequente encontrar a satisfação da demanda por conteúdo quantitativo (estabelecida pela pergunta) já no enunciado de abertura do turno do entrevistado. É claro que, após essa satisfação imediata promovida pelo entrevistado, costumam seguir-se novos enunciados, muitos dos quais de natureza qualitativa.

Como a hipótese inicialmente formulada neste trabalho (formulada a partir da observação de dados da cidade de Curitiba) é a de que enunciados de dupla negação, além da função de denegação, exercem a função de sinalizar retorno a tópico quantitativo do qual o falante se afastou em função de certas demandas do discurso (sendo a principal a necessidade de realizar comentários qualitativos), não se esperava encontrar enunciados de dupla negação exercendo a função de satisfação imediata a tópico quantitativo, dado que, nesse caso, não houve afastamento que justificasse o uso da estrutura. Não foi isso que os dados mostraram. Dos 50 casos de dupla negação, 9 realizaram a função de satisfação imediata de tópico quantitativo, contrariando nossas expectativas iniciais, estimuladas pela análise dos dados de Curitiba, reportados em Goldnadel (2016)

e Goldnadel e Petry (2017), e também pela análise em curso de dados da cidade de Porto Alegre.

Curiosamente, a satisfação imediata a tópico quantitativo que se observa em Florianópolis é o tipo de enunciado considerado em Roncarati (1996) uma forma de negação despachada. A autora observa que, no Rio de Janeiro, enunciados de dupla negação como resposta direta a perguntas seriam uma estratégia de preservação da face. Neste trabalho, não chegamos a postular essa função pragmática, que, assim como a de denegação, tem um caráter interpessoal, constituindo o que aqui postulamos ser uma função retórica. Não se pode ignorar, contudo, o caráter atenuador que enunciados de dupla negação assumem na fala atual. Longe de ser uma forma enfática de negar, atualmente, a dupla negação, associada a contornos prosódicos específicos, constitui, como bem observou Roncarati, uma estratégia de preservação da face.

O que os dados de Florianópolis parecem estar mostrando, portanto, é um novo uso para a estrutura, do qual as duas outras capitais da região Sul ainda não haviam se apropriado no período aqui investigado. Essa função de atenuação, é importante sublinhar, deriva muito naturalmente da função de retorno a tópico quantitativo. Não se pode esquecer que a função de retorno é uma função de manutenção de tópico. Um falante só retorna a um tópico para tornar manifesta sua intenção de dele não se afastar. É natural que essa função tenha surgido primeiro como uma estratégia de organização do discurso. Mas é natural também que, diante da consciência de que a dupla negação passa a exercer um papel de manutenção tópica, os falantes comecem a utilizá-la como uma simples indicação de disposição para manter-se dentro do tópico proposto pelo interlocutor. Essa indicação, quando ocorre como resposta imediata a uma pergunta, sinaliza disposição para dar continuidade ao tópico, contrastando com a resposta de negação simples, que, por não sinalizar do mesmo modo a intenção de manutenção tópica, passa a ser uma estrutura contrastante, muitas vezes interpretada como uma resposta seca e menos polida.

Florianópolis é interessante, portanto, porque se revela justamente uma área de transição entre um estágio em que a dupla negação deve ter sido muito marcada na Região Sul para expressar denegação e retorno a tópico quantitativo e o estágio, já atingido no mesmo momento pelas regiões sudeste e nordeste, em que essas funções foram completamente descaracterizadas. Florianópolis avança um passo em relação às duas outras capitais da região Sul (Porto Alegre e Curitiba) por apresentar duplas negações para satisfazer de modo imediato um tópico quantitativo, mas permanece similar a elas por não admitir dupla negação em enunciados que instanciam comentários qualitativos. No período aqui investigado, parece haver na cidade ainda, portanto, restrições a serem respeitadas. Mas não resta dúvida, pelo menos pela comparação com dados já coletados e analisados de Porto Alegre e de Curitiba, de que Florianópolis avança em relação às duas outras capitais ao admitir duplas negações em início de turno, revelando bastante sobre a trajetória de diversificação de funções associadas a formas e, em última instância, sobre a dinâmica dos processos de variação de sentido responsáveis, no longo prazo, pela eliminação completa das diferenças pragmáticas (como a que

se observa na região Nordeste do Brasil) que caracterizam as estruturas em seus estágios iniciais de coexistência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alternância entre formas distintas de negação sentencial é um fenômeno de variação que exige, para a compreensão de suas motivações, a consideração de aspectos pragmáticos da enunciação. Esse tipo de variação, também presente no português falado no Brasil, pode ser atestado em uma quantidade surpreendente de línguas. A identificação da motivação para o seu surgimento tem desafiado os estudiosos do assunto, constituindo tema relevante não apenas da Pragmática, mas também dos estudos diacrônicos. Sua compreensão pode lançar luz, a um só tempo, sobre a relação entre arranjos formais e valores enunciativos importantes para a organização do discurso e sobre a dinâmica diacrônica que afeta a expressão desse tipo de relação na história das línguas.

Uma das dificuldades no estudo da diacronia da negação é justamente a identificação exata das funções enunciativas que as formas inovadoras instanciam nos momentos iniciais de uso, quando seus valores específicos ainda não se desbotaram a ponto de se confundirem, em termos funcionais, com as variantes que, muitas vezes, virão a substituir como elementos estáveis em um novo estágio do sistema linguístico. Essa identificação depende de uma boa dose de intuição do linguista, que deve, evidentemente, ser confirmada a partir de levantamento empírico cuidadoso. Outra dificuldade diz respeito à identificação de um recorte sincrônico de língua representativo de um momento em que as formas alternativas de negação ainda mantêm algo de sua motivação pragmática original.

Este estudo integra um esforço mais amplo de investigação da motivação pragmática para o uso de enunciados com dupla negação na Região Sul do Brasil. Os resultados até agora alcançados permitem supor, otimismo, que as duas dificuldades mencionadas tenham sido superadas. A segunda dificuldade, a de localizar um recorte sincrônico apropriado, foi superada por um feliz acaso: as entrevistas do Projeto VARSUL parecem ter sido feitas em um momento especialmente útil para a investigação das motivações discursivas para surgimento de dupla negação, já que expõem dados de comunidades de fala em que a estrutura de negação não canônica aparece em quantidade moderada, mas, mesmo assim, significativa, caracterizando-as, portanto, como grupos nos quais essa estrutura ainda cumpria um papel bem delimitado. A primeira dificuldade também parece ter sido superada, já que as funções pragmáticas supostas têm sido verificadas de modo claro nos dados das cidades investigadas.

No que diz respeito ao conhecimento sobre processos diacrônicos, os resultados até agora alcançados parecem revelar bastante. Na cidade de Curitiba, Goldnadel; Petry (2016) encontraram duas fortes motivações pragmáticas para o uso de enunciados com dupla negação. Uma delas já havia sido encontrada de modo bastante consistente em dados do século XIX em Seixas (2013) e em Seixas; Alkmin (2013). A segunda, uma função discursiva de retorno a tópico quantitativo,

revelou-se também bastante significativa. Uma outra função identificada em Roncarati (1996) em dados da Região Sudeste, a função de preservação da face, instanciada em enunciados com dupla negação que constituem resposta direta a perguntas não foi encontrada em Curitiba. O fato é que não se encontra, nos dados de Curitiba, a dupla negação em início de turno, respondendo de modo direto a pergunta de entrevistador. A explicação muito provavelmente é a de que, no período em que os dados foram coletados naquela cidade, a dupla negação estaria assumindo uma segunda função além da de expressar denegação: a função de retorno a tópico quantitativo. Como o retorno pressupõe afastamento, não seria de se esperar mesmo a ocorrência de dupla negação em resposta imediata a pergunta, uma vez que esse seria um caso em que o afastamento ainda não correu.

O que a análise dos dados de Florianópolis traz de interessante, nesse contexto, é o fato de que, em momento sincrônico idêntico ao dos dados de Curitiba, a dupla negação já realiza de modo expressivo a função de satisfação imediata de tópico quantitativo, sendo encontrada em um número significativo de enunciados que iniciam o turno do falante. Ao mesmo tempo, ainda como em Curitiba, não se encontra em função de satisfação a tópico qualitativo, que é exclusivamente instanciada por enunciados com negação simples. Esses dois fatos revelam que, naquele momento, Florianópolis é uma comunidade em que a dupla negação mantém parte das restrições iniciais, mas já se encaminha para uma distribuição mais ampla, instanciando uma outra função que Roncarati (1996) identifica na Região Sudeste, onde a dupla negação já satisfaz imediatamente o tópico quantitativo, constituindo o que ela chama de negação despachada, cuja função é a de atenuar a resposta.

Como próximos passos, a investigação das funções pragmáticas de enunciados com dupla negação na Região Sul deve aprofundar a análise dos dados de Curitiba, incluindo nas análises enunciados com negação simples. Outra investigação incluindo dados de negação simples precisa ser realizada com dados da cidade de Porto Alegre, que já conta com dados sobre dupla negação analisados. Dessa forma, completa-se um mapeamento da variação de enunciados negativos em capitais da Região Sul. Esse mapeamento, espera-se, por considerar um momento que parece ideal para a investigação de motivações pragmáticas para a variação existente – em função do número ainda reduzido de casos, a indicar que ainda não houve desbotamento de sentido – pode lançar luz sobre o processo de ampliação dos usos de enunciados de dupla negação, contribuindo para a descrição do fenômeno no português brasileiro não apenas por explicitar o que aconteceu na Região Sul, mas ainda por sugerir hipóteses explicativas capazes de guiar os estudos relativos ao fenômeno em outras regiões do país.

BIBLIOGRAFIA

- DAHL, O. 2001. Inflationary effects in language and elsewhere. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. Frequency and the emergence of linguistic structure. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, 471-480.

- DETGES, U.; WALTEREIT, R. Grammaticalization vs. reanalysis: a semantic-pragmatic account of functional change in grammar. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, 21.1, 2002, p. 151-195.
- DUCROT, O. *Polifonia y argumentacion*. Calli: Universidad Del Valle, 1988, 190p.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA* 17, 2001, p. 01-30.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Grammaticalization of the strategies of negation in Brazilian Portuguese. *Journal of Pragmatics*, 39, 2007, p. 1638-1653.
- GIVÓN, T. *Functional English Grammar*. Cambridge: Cambridge, 1996, 296p.
- GOLDNADEL, M.; LIMA, L. S.; BREUNIG, G.; ESQUIVEL, N. A.; LUZ, J. P. Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. *Rev. Est. Ling.*, v. 21, n. 2, 2013, p. 35-74.
- GOLDNADEL, M. Funções pragmáticas de enunciados de dupla negação: análise de dados de Curitiba (PR). *REVEL*, edição especial, n. 13, 2016, p. 144-180.
- GOLDNADEL, M.; PETRY, P. Função pragmática de retorno a tópico em enunciados de dupla negação: evidências a partir de dados da cidade de Curitiba. *Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 2, 2017, p. 397-418.
- HANSEN, M. M. Reinforcers in old and middle french: a discourse–functional approach. In: HANSEN, M. M.; VISCONTI, J. *Current trends in diachronic semantics and pragmatics*. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2009, p. 227-250.
- HOEKSEMA, J. Jespersen recycled. In: VAN GELDEREN, E. *Cyclical change*. Amsterdam: John Benjamin, 2009, p. 15-34.
- JESPERSEN, O. Negation in English and other languages. In: JESPERSEN, O. *Selected writings of Otto Jespersen*. Abingdon: Routledge, 2010. p. 02-80.
- KAMP, H., REYLE, U. *From discourse to logic*. Dordrecht: Kluwer, 1993, 713p.
- KIPARSKY, P.; CONDORAVDI, C. Tracking Jespersen’s cycle. In: JANSE, M.; JOSEPH, B.D.; RALLI, A. *Proceedings of the 2nd International Conference of Modern Greek Dialects and Linguistic Theory*. Mytilene: Doukas, 2006, p. 01-22.
- LAMBERTI, L. *Estrutura e Funções Pragmáticas da Negação no Sul do Brasil*. 2017. Dissertação de Mestrado em Gramática e Significação. Programa de Pós-Graduação em Letras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LARRIVÉE, P. The pragmatic motifs of the Jespersen cycle: Default, activation, and the history of negation in French. *Lingua*, 120, 2010, p 2240-2258.
- LARRIVÉE, P. The role of pragmatics in grammatical change: The case of French preverbal non. *Journal of Pragmatics*, 43, 2011, p 1987-1996.

- LIMA, S. L. 2013. Motivações pragmáticas para o surgimento de estruturas de dupla negação: uma análise a partir de dados da região Sul do Brasil. 2013. 110f. Dissertação de Mestrado em Gramática, Semântica e Léxico: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. Variação e discurso. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 97-112.
- SCHWEGLER, A. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. *Orbis*, Leuven, v. 34, p. 187-214, 1991.
- SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, Amsterdam, v. 115, p. 1427-56, 2005.
- SCHWENTER, S. A. Fine-Tuning Jespersen's Cycle. In: Birner, B.; Ward, G. Drawing the Boundaries of Meaning: Neo-Gricean Studies in Pragmatics and Semantics in Honor of Laurence R. Horn. Amsterdam: Benjamins, 2006, p. 327-344.
- SEIXAS, V. C. *A negação sentencial em textos dos séculos XVIII E XIX: Estrutura Inovadora em Foco*. 2013. 151 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem – UFOP
- SEIXAS, V. C.; ALKMIN, M. G. R. A negação sentencial em textos de autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX: considerações sobre implementação, transição e origem da estrutura [NãoVNão]. *Veredas*, v. 17, no 2, 2013, p. 83-113.
- VAN DER AWERA, J. The Jespersen Cycles. In: VAN GELDEREN, E. Cyclical change. Amsterdam: John Benjamin, 2009, p. 35-71.
- VAN DER AWERA, J. On the diachrony of negation. In: HORN, L. The expression of negation. New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 73-109.
- VAN KUPPEVELT, J. Discourse structure, topicality and question. *Journal of Linguistics*, 31, 1995a, p. 109-147.
- VAN KUPPEVELT, J. Main structure and side structure in discourse. *Linguistics*, 33, 1995b, p. 809-833.
- VAN KUPPEVELT, J. Directionality in Discourse: Prominence Differences in Subordination Relations. *Journal of Semantics*, 13, 1996, p. 363-395.
- VOSSSEN, F.; VAN DER AUWERA, J. The Jespersen cycles seen from Austronesian. In: HANSEN, M. B. M.; VISCONTI, J. The diachrony of negation. Amsterdam: John Benjamin, 2014, p. 47-82.

Recebido: 17/3/2020

Aceito: 24/11/2020

Publicado: 25/11/2020